



IVONE CORTINA

RELAÇÃO ENTRE SUBLIME, TRÁGICO E DIALÉTICA

Campo Grande (MS)

2017



IVONE CORTINA

RELAÇÃO ENTRE SUBLIME, TRÁGICO E DIALÉTICA

Comentário apresentado como material avaliativo na disciplina de Estética do Curso de Filosofia.

Campo Grande (MS)

2017

RELAÇÃO ENTRE SUBLIME, TRÁGICO E DIALÉTICA

Ivone Cortina

Licenciatura em Filosofia

Faculdade de Ciências Humanas – FACH

e-mail: ivone-cortina@bol.com.br

1 Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de relacionar o sublime em Kant, a tragédia em Schiller e a dialética em Schelling. O sublime Kantiano volta-se para um sentimento inicial de desprazer a partir da discordância da faculdade da imaginação no ajuizamento da estética de grandeza, e ao mesmo tempo será prazer à medida que a razão encontre conceitos racionais, em um movimento entre a atração e desprezo do ânimo.

Quanto à tragédia, essa é o ponto culminante da obra Schilleriana, pois essa seria capaz de suscitar no homem percepções que excedem a sensibilidade atingindo a razão e desenvolvendo a potencia humana livre da repressão da natureza. Em relação à Schelling esse busca transpor os limites impostos por Kant em consideração ao uso da razão especulativa e se impõe pela dialética do Absoluto.

2 Sublime na crítica de juízos de Kant

Na Crítica da faculdade de julgar de Kant, tem-se que a manifestação do prazer é o que reflete a experiência estética. Através dos sentimentos que se emitem os juízos e se afirma o belo. Desse modo, o valor estético do juízo depende do sentimento do sujeito que o gera.

A descrição fenomenológica do belo e do sublime do sujeito em Kant se assemelha ao sentimento de prazer e desprazer em Nietzsche. Segundo Vieira (2011), Nietzsche desenvolve seus argumentos através das estratégias originalmente de Kant:

Em Kant a descrição fenomenológica dos estados do sujeito é o dado primário que serve de ponto de partida para a investigação filosófica. É um fato observado empiricamente que o indivíduo emite juízos estéticos, juízos que têm certas propriedades que os tornam constitutivamente distintos daqueles ligados ao conhecimento e à moral.

É necessário verificar a necessidade de explicar as relações entre as faculdades transcendentais e a emissão do juízo. Para Kant na crítica da faculdade de juízos, as sensações são provocadas no sujeito e correspondem ao fenômeno estético, enquanto que em Nietzsche supõe que existam seres metafísicos que originem a estética e seus efeitos.

Segundo Kant, o sentimento de prazer é o resultado dos estados da estética, e a representação do objeto se dá por meio da compreensão que determina o juízo do gosto. Quanto ao gosto esse está definido pela faculdade de ajuizamento de um objeto ou de uma representação, e esse objeto é o belo. Não existem gostos iguais, idênticos, mas sim um gosto ajuizado.

Para Nietzsche o Uno Primordial que nada mais é que a realidade apreendida pela intuição tem na tragédia seu apoio para favorecer seus propósitos. Para Kant é pela faculdade da imaginação que é possível o julgamento do belo, o que agrada universalmente. O comprazimento e a perfeição observada em um objeto são essenciais para o juízo de belo. Dessa forma o gosto tem seu juízo estético sob a forma do objeto, juízo esse que se baseia no sentimento e não em conceitos.

...belo é utilizável como instrumento da intenção com respeito ao bom, para submeter aquela disposição da mente - que se mantém a si própria e é de validade universal subjetiva - àquela maneira de pensar que somente pode ser mantida através de penoso esforço, mas é válida universal - objetivamente (KANT, 1790)

Desse modo tem-se no belo o gosto com a razão, pois a sensação de agrado não é propriamente fator de beleza. O belo e o sublime não necessitam de nenhum juízo dos sentidos, mas sim do juízo da reflexão. O belo confere a forma ao objeto em questão, enquanto que no sublime ele pode ser pensado ilimitadamente, precisamente em concordância com a natureza.

Para Kant, a representação que ultrapassa a capacidade de imaginação, de poder pensá-la, porém não traduzi-la em coisa pensada, que se apresenta no sentimento ambíguo, de prazer e desprazer se refere ao sublime.

Quanto à tábua do juízo empregada por Kant, as mesmas categorias empregadas ao belo são concernentes a analítica do sublime sendo elas: qualidade (sem interesse), quantidade (de modo universalmente válido), relação (conformidade a fins subjetivos) e modalidade (como necessária).

Kant argumenta que o sublime visto quanto ao ajuizamento do objeto é referenciado pela imaginação, ora pelo conhecimento, ora pela apetição, dificultando sua representação, seja por ser absolutamente grande e ou potente demais. Desse modo, o sublime pode ser definido como algo perfeito no ponto de vista metafísico. Kant diz que o “sublime é aquilo em comparação com o qual tudo mais é pequeno” (p 96). Desse modo o sublime não seria o objeto propriamente em si, mas a capacidade de superar as limitações da imaginação em direção a compreensão e ajuizamento do objeto, ou seja, associa-se a razão.

2 A tragédia em Schiller

Fundamentando-se no pensamento Kantiano, no que diz respeito a crítica sobre os juízos estéticos, valorando a moral, Schiller de certo modo complementa a filosofia de Kant, pois busca salientar a natureza do sensível no homem. Schiller refere que a tragédia é capaz de despertar sensações além da sensibilidade, afetando a razão, em decorrência da mobilidade das faculdades do espírito e se enveredou para demonstrar essa sistematização.

Schiller embora defenda um princípio moral igual a Kant, visará mostrar a luta do ser humano no tocante a sua condição de obrigação/dever e necessidade, as quais refletem o trágico. A tragédia deveria evidenciar as condições pelo qual se dá a liberdade moral aos homens, ou seja, o papel da tragédia é a representação sensível do suprasensível.

Tem-se na figura de Aristóteles a menção quanto à tragédia conforme pontua no capítulo VI, p 205:

É, pois, a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos distribuídos pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções.

Aristóteles criou a poética da tragédia e refere que essa resulta de uma catarse, onde ocorre à purificação das almas através de um alívio emocional provocado pelo drama. Tanto Schiller como Aristóteles via na tragédia apenas entretenimento e não fundo moral, e Schiller afirma que na arte o homem encontra seu prazer.

Segundo publicação da PUC-Rio intitulada *A tragédia e o trágico em Schiller* o fim moral não cabe a arte, pois essa produz resultados insignificantes de acordo com Schiller:

O ensinamento moral não pode ser a finalidade da arte, não sem por em risco sua liberdade e, conseqüentemente, sua beleza, nesse sentido, acreditar que um fim moral é superior a um fim lúdico é apenas ignorar que as faculdades humanas operam a partir de categóricos específicos e que cada uma delas contribui para a apreensão.

Schiller vê que a arte com fim moral perde todo o seu encanto e sua finalidade e sua representação estética se corrompe, pois cabe a estética a valorização do belo, do sensível.

Para Schiller o ponto fundamental na tragédia é a representação do sensível através do supra-sensível e representar a liberdade do mundo moral, e o mesmo procura fazer da tragédia obra da arte cênica, através de representações da realidade do homem atual, abandonando as linhas das tragédias gregas. Segundo Schiller a tragédia tem seu papel por ser capaz de expressar a essência humana a qual se divide em natureza e liberdade. A principal característica do trágico são os seus elementos antagonistas, a conciliação entre a natureza humana, a razão e o ser sensível. Conforme cita Figueiredo (2017); “... a tragédia é o antídoto a venenos que artificializam o homem e lhe acobertam a natureza, lhe ofuscam os sentidos e embriagam a razão!”

A tragédia ganha destaque na filosofia moderna através do homem trágico, podendo ser considerada um gênero supremo.

3 A Dialética em Schelling

A metafísica de Schelling é o modelo do trágico e o ponto de partida da metafísica é a filosofia da natureza, onde essa tem a inteligência petrificada. Segundo Schelling a natureza produz o “eu” (consciência humana) mais elevada para se reconhecer como absoluto. O absoluto produz inconsciente o “eu”, porém começa a refletir sobre essa produção criando a consciência.

A dialética em Schelling tem alcance metafísico, pois a própria realidade se manifesta no absoluto. Deus se desdobra sob a forma de natureza e ao mesmo tempo na subjetividade, para o entendimento humano. Assim, à medida que se conhece a unidade,

a autoconsciência do homem se cumpre e o mundo e “eu” se realizam no reconhecimento da unidade em Deus.

Schelling se utiliza de Kant para superá-lo. Para Schelling o homem é criador, tanto quanto Deus, mas para Kant o homem é observador. Denota-se ainda que de acordo com Schelling, a única condição possível para que a liberdade humana não entre em conflito com o caráter absoluto de Deus, é que ela seja algo interior ao poder de Deus, e não algo que a ele se opõe do exterior.

Conforme publicado em *Schelling e a intuição estética do absoluto* (2008):

... Schelling em A filosofia da arte define o gênio como "conceito eterno do ser humano em Deus, como causa imediata de suas produções", "o divino que habita o ser humano", o que significa que a produção artística se deve ao homem tal como ele existe em Deus subjetivamente.

Segundo Schelling a intuição intelectual do absoluto seria o supremo grau de conhecimento a que se pode elevar um ser finito e com esse conceito o mesmo faz da arte o centro de seu pensamento filosófico.

Quanto ao monismo fichteano, o qual reduz tudo ao Eu, na verdade consiste em um dualismo, do Eu e do não-Eu, despertando o conflito da liberdade e da natureza. Schelling argumenta que o não-Eu como possível conteúdo do segundo princípio fundamental, ou seja, oposto ao EU e a ele relacionado.

Segundo Amora (2015) Schelling refere que a filosofia é uma ciência a qual se configura em um princípio absolutamente incondicionado que unifica forma e conteúdo, ser e conhecer, sujeito e objeto, resultando neste sentido, um ponto originário, um fundamento último da realidade de todo o saber.

4 Referência

AMORA.K. **Dinâmica da natureza, de Deus e da liberdade em Schelling.** Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3666535.pdf>> Acesso em 01 dez 2017.

ARISTÓTELES. **Poética**, "Os pensadores". São Paulo, Abril Cultural, p.205.

CAITANO.J Schelling e a intuição estética do absoluto. Disponível em <<http://joevancaitano.blogspot.com.br/2008/11/schelling-e-intuio-esttica-do-absoluto.html>> Acesso em 05dez 2017

FIGUEIREDO . V.A. **O trágico, o sublime e a melancolia**. Disponível em:< <http://mottmagazine.com/comentarios-sobre-o-tragico-o-sublime-e-a-melancolia/>> Acesso em 24 nov 2017.

KANT. **Crítica da faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1993.

PUC-RIO. **A tragédia e o trágico em Schiller**. Disponível em:< http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812337_2012_cap_6.pdf> Acesso em 26 nov 2017.

VIEIRA, V.M. **Belo e sublime, apolíneo e dionisiaco**. AISTHE, nº 7, 2011. ISSN 1981-7827.